

IDÉIAS

CARLOS CORRÊA

A sociedade brasileira acha que a cultura é um mero suplemento, nunca uma parte significativa do todo. A tese é do professor José Teixeira Coelho, da Universidade de São Paulo (USP). Ele dirige o Museu de Arte Contemporânea daquela universidade (MAC/USP) e é especialista em políticas de ação cultural. Coelho esteve esta semana em Porto Alegre falando dentro do projeto Unidéia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Depois da palestra, na Reitoria, ele concedeu a seguinte entrevista.

Zero Hora – Hoje, no Brasil, cultura pode ser considerada um instrumento de política pública?

José Teixeira Coelho – Não.

ZH – Por quê?

Teixeira Coelho – É uma questão de esclarecimento, de tradição de um país. No nosso caso, de falta de tradição. Falta a visão da cultura como elemento de fundamental importância na vida social, uma coisa que outros países têm. Por exemplo, a iniciativa privada nos Estados Unidos contribui enormemente com o lado cultural a partir de doações diretas. Na sociedade americana, por incrível que pareça, por mais que a gente diga que é uma sociedade conservadora, e ela é, há um entendimento de que a cultura é uma parte relevante da vida. Nesse aspecto, a iniciativa privada aparece enormemente. No Brasil, ela não reconhece ainda o papel de destaque que a cultura pode ter.

ZH – A sociedade brasileira vê com desconfiança a entrada da iniciativa privada na cultura do país?

Teixeira Coelho – Com certeza.

ZH – É uma visão preconceituosa?

Teixeira Coelho – É. Eu nem sei se é a sociedade como um todo. Mas, por exemplo, a universidade pública. Há setores da universidade que vêm com desconfiança a participação da iniciativa privada no aspecto cultural. Na verdade, hoje, em um país como o Brasil, a gente não pode dispensar essa participação. Por exemplo, as universidades tendem a relutar em aceitar a participação de uma marca. Ou melhor, aceitam isso quando não têm que dar nada em troca, o que é pior ainda. Ou seja, você me dá o seu dinheiro, patrocina meu evento cultural, mas não põe o seu nome ou não se serve desse evento para promover suas coisas. Isso é um discurso que não tem sentido no nosso tipo de sociedade. Nossa sociedade é baseada na troca, eu te dou uma coisa, você me dá outra. Quer que a iniciativa privada patrocine um evento mas que não fature em cima disso é insensato. E isso acontece.

ZH – O que seria necessário para que a cultura pudesse ser encarada como uma política pública. Isso ainda é possível?

Teixeira Coelho – Acho que é possível e estamos caminhando para isso, sim. A passos bem pequeninhos, mas a gente caminha. Já nos afastamos bastante daquela época em que a cultura era vista como a cereja do bolo, e o bolo não podia ser construído porque a gente precisava esperar ele crescer. Já andamos um bocadinho, mas ainda falta muito. A visão que a elite brasileira, tanto política como econômica, tem de cultura é dupla ou ambígua. A elite econômica acha que cultura é uma coisa que ela deve ter, mas os outros não. A elite política acha que cultura é uma coisa que ninguém deve ter. Essa é a diferença. Mas a gente caminha. A minha pregação, digamos assim, é para que a cultura seja não apenas incluída como um tema relevante na política pública, mas um pouco mais do que isso. Que ela se transforme em elemento central de política pública.



Teixeira Coelho fala sobre política pública no projeto Unidéia: "A gente subestima a cultura da mesma forma como subestima o ar que respira"

Universidade e cultura

O professor Teixeira Coelho, da USP, analisa o descaso da sociedade diante da produção cultural do país e propõe que a cultura seja o elemento central da política pública

ZH – A cultura é subestimada no Brasil?

Teixeira Coelho – Vastamente. Da mesma maneira que a gente subestima o ar que a gente respira. A gente dá importância ao ar que respira? Não, é uma coisa natural, parece que vai estar sempre ali. A cultura é igualmente subestimada. É um absurdo que você subestime aquilo que faz com que você viva. A cultura é vista como um suplemento, quando, na verdade, ela é parte integrante.

ZH – Qual seria o papel da universidade na reversão desse quadro? O que vem sendo feito na prática?

Teixeira Coelho – O papel que a universidade pode representar é, antes de mais nada, valorizar a questão da cultura como um elemento político. Eu acho que isso talvez seja a modificação maior. O que vinha sendo feito até agora era uma defesa da cultura como um recurso da expressão do indivíduo, coisa que faz com que ele viva melhor. Isso é muito vago. Temos que avançar na idéia de cultura como instrumento de política pública. Isso é o que a universidade pode, ou poderia fazer, mas não está fazendo ainda. Outra coisa é começar o trabalho em casa, fazendo da cultura um elemento central de definição do ensino, da formação do jovem que passa por lá. Esse é um papel que a universidade deveria ter e não tem. A nossa universidade vive ainda totalmente dividida entre dois ou três feudos, um das ciências humanas, o outro das exatas, sei o que lá. Essas ciências não costumam se organizar, se associar. Na melhor das hipóteses, o jovem estudante tenta construir uma ponte entre essas coisas, o que frequentemente é feito à revelia desses setores.

ZH – O sr. afirma que no futuro caberá à cultura o papel de separar a sociedade governável da ingovernável, a barbárie da civilização. Por quê?

Teixeira Coelho – Olha, a gente vive hoje o agravamento de uma série de conflitos que são essencialmente culturais, além de econômicos. Mas são conflitos que, se você os resolve do ponto de vista econômico, não os resolve do ponto de vista cultural. Por exemplo, a presença de imigrantes nos países desenvolvidos. Isso está virando um caos. Na Itália, nos campos de futebol, estão jogando bananas nos jogadores negros, que foram contratados pelos times de lá, que marcam gols pelos times de lá. Na Inglaterra, as pessoas se organizam para dizer "Olha, a Inglaterra é de brancos, não desses pretos que estão aí". A expressão "esses pretos" inclui os marrons da Índia e tudo mais. A Espanha está em guerra contra os imigrantes do Norte de África. Eles não têm trabalho em seus

países e vão para a Espanha, tiram lugar dos espanhóis, aquela coisa toda que a gente já conhece. Então, procuram resolver o problema econômico e acham que acabou tudo. Não é por aí. É uma questão cultural. A questão do racismo é uma questão cultural. Num mundo que perde cada vez mais as fronteiras físicas, em que você migra com uma facilidade enorme de um lugar para o outro, ou você resolve a questão cultural ou não adianta resolver a parte econômica. Primeiro, porque a questão econômica não vai se resolver tão cedo. Segundo, porque, quando a questão econômica se resolver, se ela se resolver, você não terá trabalho o lado cultural. Quer dizer, você vai garantir emprego para todo mundo e achar que isso vai acabar com a violência. Tremendo engano.

ZH – O sr. critica algumas das ações comunitárias feitas pelas universidades. Esse tipo de ação pode ser considerada ingênua ou cínica?

Teixeira Coelho – A universidade deveria desviar recursos para fazer ações comunitárias quando ela não tem recursos para fazer um trabalho que é específico dela e que ela poderia fazer? Por que a universidade é levada a acreditar que tem que fazer um trabalho comunitário, se ela é universidade? Por que é levada a fazer a mesma coisa que alguém deveria estar fazendo? Por outro lado, fica difícil criticar isso. Puxa, é realmente positivo que a universidade colabore com a sociedade, não dá para criticar. Mesmo que essa não seja a especificidade do trabalho universitário: a expressão cultural do ensino, a formação cultural do estudante, a ampliação do horizonte cultural.